



A toda a minha volta há mundo. Eu sou mundo mas o mundo é também os outros e por isso temos que saber viver com eles, em harmonia e com respeito por todos e por tudo o que nos rodeia. Só assim podemos ser felizes e ter um amanhã onde o Sol continue a nascer para este milagre diário que é a vida no nosso cantinho do Universo.

O Mundo à Minha Volta é uma coleção de histórias de autores Portugueses que pretende ensinar pequenos e grandes a viver em harmonia consigo, com os outros e com o planeta. Junta-te a estes autores e vem descobrir como todos podemos viver num mundo melhor.

COLEÇÃO
O MUNDO À MINHA VOLTA

Margarida Fonseca Santos - *Uma Questão de Azul-escuro*

António Mota - *A Melhor Condutora do Mundo*

José Fanha - *O Meu Amigo Zeca Tum-Tum*

Rosário Alçada Araújo - *A Árvore dos Rebuçados*

Ana Nobre de Gusmão - *Querer, Ser, Ter, Poder, Dever: O Que Fazer?*

Fernando Carvalho - *A Pior Amiga*

| | | |
|--------------|-----------------|------------------------|
| | | ISBN 978-989-557-920-4 |
| | | 9 789895 157920 4 |
| www.leya.com | www.gallivro.pt | Infanto-Juvenil |

BIBLIOTECA MUNICIPAL TORRES VEDRAS



049058

82-I FAN



José Fanha

A namorada japonesa do meu avô

Sandra Serra



A namorada japonesa do meu avô



Uma história de José Fanha
Ilustrada por Sandra Serra

BIBLIOTECA MUNICIPAL TORRES VEDRAS

82-I FAN

GAILIVRO

Uma história de José Fanha
Ilustrada por Sandra Serra

*À memória do meu querido amigo Raúl Solnado,
grande ator para quem escrevi uma série intitulada
"Meu querido avô" que passou na RTP1 e passa
de vez em quando na RTP Memória e em quem fui
beber algum do perfil deste avô.*

A namorada japonesa do meu avô

Título: A namorada japonesa do meu avô
Autor: José Fanha
Ilustrações: Sandra Serra
Capa e paginação: Espiral Inversa
Impressão e Acabamentos: CEM

Copyright 2011, Edições Gailivro
Rua Cidade de Córdoba, nº 2
2610-038 Alfragide - Portugal
Telef.: +351214272200
Fax.: +351214272201
E-mail: Gailivro@gailivro.pt
www.gailivro.pt

1ª Edição, Outubro de 2011
ISBN: 978-989-557-920-4
Depósito Legal nº. 332 782/11

Gailivro, uma chancela do grupo LeYa



Bolinha Verde
BIBLIOTECA MUNICIPAL
Nº REGISTO 548.F.6
COTA 82-T FAN
TORRES VEDRAS



O MELHOR AVÔ DO MUNDO

— Estou a ver que tenho de te cortar o computador!
— disse-me um dia o meu avô Jaime quando cheguei da escola, atirei os ténis e a mochila pelo ar e corri para o computador por causa de um jogo que me tinham emprestado e que eu estava doidinho para experimentar.

— Até parece que estás viciado no computador, Zezinho!
— voltou ele à carga. Tive de parar. Preferia que ele não tivesse razão mas a verdade é que tinha mesmo muita razão. Naquele tempo, eu não pensava noutra coisa senão no computador, nos jogos, no *messenger*, no *Facebook*...



— Ao menos vai lanchar e arruma a mochila! — insistiu ele. E eu lá fui. Fui com pena mas o meu avô Jaime é o melhor avô do mundo e por isso...

É claro que eu não sei se ele é mesmo o melhor avô do mundo. Não conheço todos os avós do mundo... Só alguns dos avós dos meus amigos. Mas, daqueles que eu conheço, o meu avô Jaime é, de longe, o melhor de todos. E, acima de tudo, ele é o meu avô e, por isso, mesmo que não fosse o melhor do mundo, passava a ser e acabou-se.

O problema é que ultimamente até parece que anda meio avariado dos pirolitos. Sobretudo desde que arranjou uma namorada pela net! E tinha logo de arranjar uma namorada japonesa. Não pensa noutra coisa senão nela! E pior ainda! Passa a noite acordado. Porque no Japão são mais 8 horas que cá. Quando lá é dia, cá é noite. E para estar ao namoro, o meu avô passa a noite toda acordado.

— O velho amalucou! — diz a minha mãe. Eu acho que ele não é velho nem amalucou mas, com a mania do namoro, já quase que nem tem tempo para mim que não sou a sua namorada mas sou o neto, e um neto também tem os seus direitos!

Se calhar a culpa é minha. Fui eu que ensinei o meu avô a usar o computador e agora tornou-se ele no viciado e eu fiquei a chuchar no dedo porque não larga o computador e já nem tem tempo para me contar as histórias desaparafusadas que andava sempre a inventar.



Desde que arranjou a namorada japonesa, esqueceu-se de tudo o mais. Às vezes até se esquece de comer.

— Ó Pai, venha para a mesa! — farta-se de gritar a minha mãe quando já estamos todos sentados para jantar. Mas ele vive agarrado ao computador e tirá-lo do namoro, está bem, está...!

— É só enviar uns versinhos à Sakura para ela os receber à hora de acordar.

Nós acabamos de jantar. Até podemos jantar duas vezes antes que ele venha comer qualquer coisa a correr, para logo voltar ao namoro com a Sakura.

Já perceberam, com certeza, que a Sakura é a namorada japonesa do meu avô. O nome dela quer dizer Flor de Cerejeira, e é bem bonita, digo-vos eu, que já fui espreitar-lhe a fotografia. É dona de uma casa de chá que fabrica pão-de-ló. Verdade! Não sabiam que havia pão-de-ló no Japão? Pois existe. Foram os portugueses, há muito tempo, que levaram para lá a receita. Só que os japoneses mudaram o nome e chamam-lhe agora *kasutera*.

Por causa do pão-de-ló, quer dizer, da *kasutera*, a Sakura aprendeu a falar português. Escreve até uns versos pequeninos chamados *Haiku*, faz a tradução desses versos para português e envia-os ao meu avô. Ele, em troca, envia-lhe quadras portuguesas do António Aleixo e do Fernando Pessoa e sei lá que mais.

— Maldita ideia essa que tu tiveste de ensinar o teu avô a usar o computador! É que ele já não tem idade para estas coisas! — protesta o meu pai como se o meu avô, lá por ser mais velhote, não tivesse o mesmo direito que ele ou eu a usar o computador. Mas tenho de concordar que assim também é de mais!

Nada o faz afastar-se da net um bocadinho que seja. Até se esqueceu do violino que sempre foi a sua grande paixão. E olhem que ele toca bem! Aprendeu violino quando ainda era gaiato, contou-me ele um dia. E, sempre que podia, pegava na rabeça, como costumava chamar ao violino, e tocava uma música que era uma beleza ouvi-la.

Um dia, foi fazer uma serenata de violino à luz da lua e foi assim que conseguiu encantar a sua Princesa que depois veio a ser a minha avó Emília.

Namoraram, casaram-se e viveram 43 anos juntos. E não havia um dia que ele não tocasse um bocadinho para ela. Mesmo quando a avó Emília foi para o hospital, o avô Jaime ia lá todos os dias de violino debaixo do braço e ficava horas ao lado dela a tocar muito baixinho.

— É o melhor remédio para a minha Princesa! — dizia o avô. E era mesmo.

Mas não chegou para curar a doença dela. O mal já se tinha espalhado pelo corpo todo. E um dia foi-se embora. Apagou-se como uma luzinha muito bonita que já não tinha força para brilhar.

O avô ficou muito triste e sem falar com ninguém. Andava pela casa de um lado para o outro sem dizer uma palavra. Mais parecia um fantasma. Às vezes virava-se para a parede e punha-se a tocar uma música muito triste no violino. As lágrimas caíam-lhe devagar pela cara abaixo e só dizia:

— Foi-se embora a minha Princesa... a minha Princesa... o que é que vai ser de mim?

Foi para acordar o avô daquela tristeza toda que eu o ensinei a usar a net sem saber no sarilho em que me estava a meter.

AS HISTÓRIAS DESAPARAFUSADAS DO AVÔ JAIME

O meu pai e a minha mãe trabalham que se fartam, chegam muito tarde a casa e é por isso que eu sempre passei muito tempo com o meu avô Jaime e a minha avó Emília.

A avó Emília era muito doce, fazia naperons e geleia de mão de vaca! (Se vocês não conhecem, nem sabem o que perdem! Era de comer e chorar por mais.) E também gostava muito de ler poemas de um senhor chamado Sebastião da Gama, de um outro chamado João de Deus e de outros que agora não me lembro.

O avô Jaime sempre foi muito dado a fazer brincadeiras e malandrices. Bastava um quase nada e lá estava ele a mangar com toda a gente. (Esta palavra, mangar, é gira, não é? Foi a avó Emília que me ensinou e quer dizer brincar ou gozar com alguém.)



Todos os dias o meu avô inventava alguma. Punha-se a coxear, fingia que tinha perdido o nariz, imitava na perfeição os cães a ladrar e os gatos a miar. Ao pé dele ninguém se aborrecia. Sobretudo a avó Emília. Olhava para ele com os olhinhos cheios de ternura, abanava a cabeça e dizia sorridente:

— Lá estás tu com as tuas pantominices!

A avó Emília gostava de dizer palavras antigas. Dizia muitas vezes que o avô só sabia fazer pantominices que é mais ou menos o mesmo que palhaçadas. Mais ou menos mas com uma certa diferença por que duas palavras, mesmo que queiram dizer a mesma coisa, querem dizer a mesma coisa mas vista de maneira diferente. Pelo menos, foi o que eu aprendi com ela.

O avô só ficava satisfeito a pôr tudo de pernas para o ar. Adorava contar ao contrário aquelas histórias que toda a gente conhece. No *Capuchinho Vermelho*, o Lobo mau era bonzinho e a avó era um monstro horrível que não tomava banho nem lavava os dentes nem nada.

A avó Emília ria-se baixinho e censurava-o como se ele fosse um miúdo traquinas.

— Ó Jaime, deixa-te lá desses disparates. Que ideia é que o nosso neto vai fazer da avó dele? Que eu sou algum monstro?

— Deixa lá, avó! — dizia-lhe eu. — Se fosses um monstro não eras um monstro. Eras uma monstra! E eras a monstra mais linda e mais boazinha do mundo.

As histórias do meu avô eram assim como uma espécie de rio que começava a correr e nunca mais parava de espalhar sorrisos por toda a gente. Mas isso era enquanto a avó Emília ainda estava connosco.

A MORTE DA AVÓ EMÍLIA

Tudo mudou no dia em que a avó Emília ficou com muita tosse. O avô ia comprar-lhe xaropes e mais xaropes mas a tosse nunca mais passava. Por isso, foram ao médico e quando voltaram vinham muito calados, sem dizerem nada.

Eu já me habituei que há coisas que nós sabemos sem saber. Quer dizer... Sabemos que sabemos mas não temos palavras para dizer essas coisas. Por isso ficamos aflitos, inquietos, ansiosos para perceber essa coisa que fica no peito a magoar-nos mas que sem palavras parece um grande mistério que magoa ainda mais.

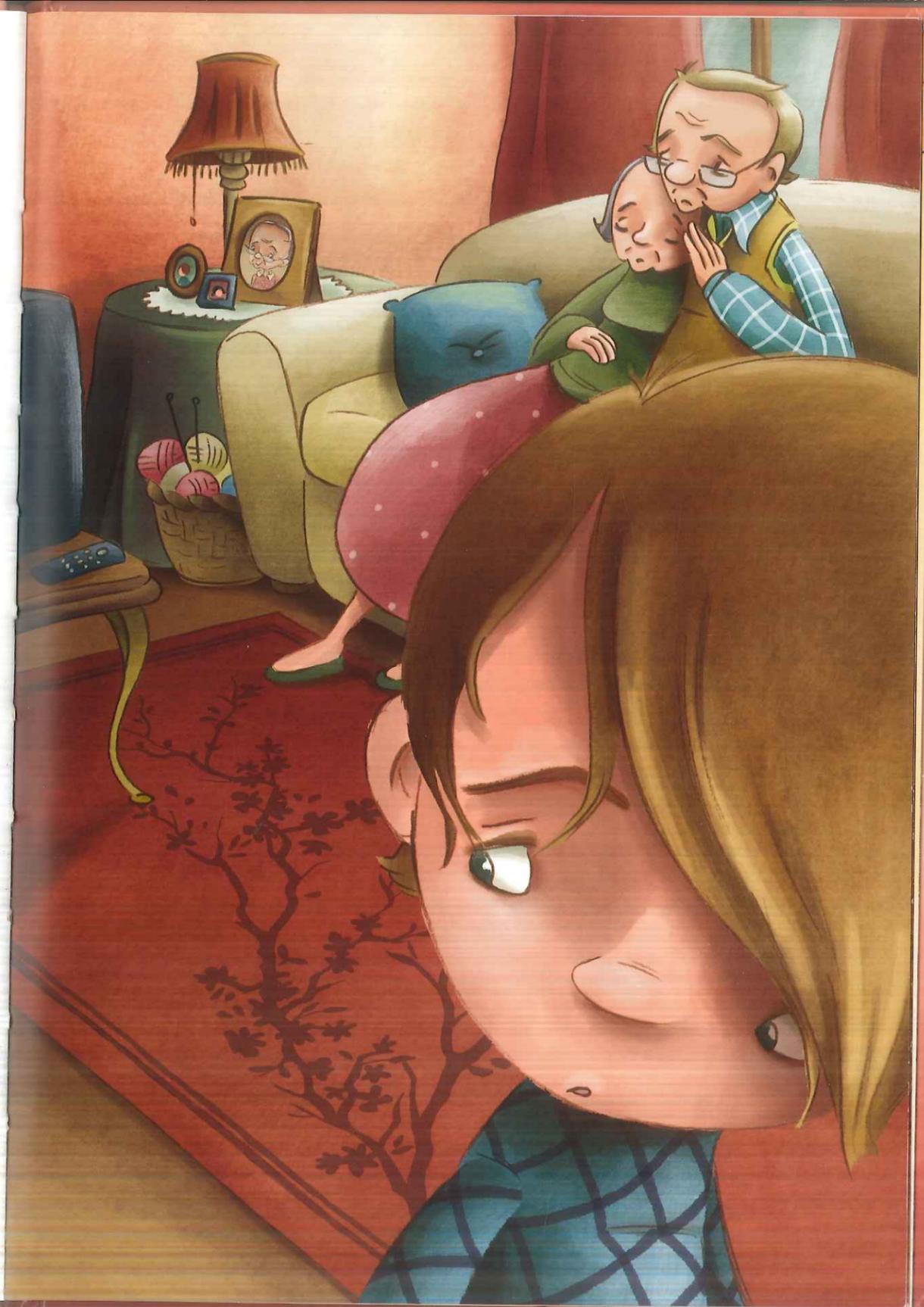
Percebi que havia qualquer coisa que não estava bem e pus-me logo a andar à volta do avô e da avó a perguntar o que é que o médico tinha dito e se a avó ia ficar melhor da tosse... Eles não respondiam nada e foram-se pôr muito sérios, de mãos dadas, em frente à televisão e eu percebi logo que havia qualquer coisa mesmo grave porque ficaram ali calados a olhar muito tempo para o ecrã sem sequer terem ligado a televisão nem nada.

A dor que eu sentia no peito estava cada vez maior e eu só queria que eles me dissessem que não era verdade aquela dúvida que crescia e crescia cá dentro de mim.

— Posso sentar-me no teu colo, avó?

— Agora não — respondeu-me ela e desatou a tossir.

— Vai para o teu quarto, Zezinho. Eu depois falo contigo — disse o avô e, muito docemente, puxou a cabeça da avó para o seu ombro a ver se a tosse se acalmava.



Não foi o meu avô mas a minha mãe que entrou mais tarde no meu quarto para me dizer com um ar muito sério que a avó estava “Com uma doença má.”

— Uma doença má? — perguntei eu aos meus botões. Onde é que já se viu uma doença boa? Acho que a minha mãe queria dizer que a avó ia morrer por causa daquela doença má. Por isso, não perguntei mais nada porque achei que se nós não perguntarmos nada pode ser que as coisas más não aconteçam.

Os dias passavam e, apesar dos remédios que tomava, a avó Emília tossia cada vez mais e começou a ficar muito magrinha. O avô Jaime não a deixava nem um segundo, fazia-lhe muitas festinhas, dava-lhe beijos e estava sempre ao pé dela. A não ser quando ia fazer chichi.

Às vezes, punha-se a tocar violino para ela. Músicas antigas. Ela sorria e cantava baixinho a acompanhar mas logo lhe vinha a danada da tosse e lá se acabava o violino.

Quando eu chegava da escola, punha-me ao pé deles mas sem dizer nada. Não queria que a avó tossisse mais nem que o avô se distraísse de lhe fazer festinhas e de lhe dar beijinhos.

Mesmo assim, um dia a avó Emília começou a tossir mais e mais. Parecia já que os remédios não lhe faziam nada. E o médico disse que era melhor levá-la para o hospital.

Aí é que o avô Jaime ficou mesmo zaranza de todo. Logo de manhã, corria para junto dela no Hospital com a caixa do violino na mão e quando voltava à noite, deixava-se cair no cadeirão sem dizer nada, a olhar para muito muito longe, para lá de todas as paredes e casas e muros do mundo.

Quando os meus pais me levaram ao hospital, alguns dias depois, a avó Emília ainda estava mais magrinha, muito amarela, tinha dificuldade em respirar e quando se punha a tossir ficava muito cansada.

Um dia, quando a fui visitar, chamou-me para junto dela, pousou a mão na minha cabeça e disse-me com uma voz muito fraquinha:

— Tenho a impressão que estou quase a ter de ir para outro sítio...

— Para onde, avó? — perguntei eu, embora já soubesse muito bem a resposta. Ela olhou para mim com um sorriso muito triste e ergueu o dedo indicador para o céu.

— Não quero, avó! Não quero que vás! Não quero! — As minhas lágrimas estavam com muita pressa de saltar cá para fora e eu fiz uma grande força para as aguentar nos olhos e não deixar a minha avó ainda mais triste.

— Não estejas preocupado... — disse-me ela com aquele fiozinho de voz que parecia estar a desaparecer. — Eu vou estar sempre contigo. Depois de partir, sempre que quiseres, tu podes falar comigo. — Como se eu acreditasse!

— Sabes aquela minha fotografia que está em cima da mesinha da sala? — insistiu ela. — Quando tiveres saudades vais lá falar comigo. E eu ouço-te.

— A sério?! E tu respondes avó?

— Respondo sim.

— E eu consigo ouvir?

— Consegues.

Com o teu coração.



QUIZÁS, QUIZÁS, QUIZÁS

Durante alguns dias depois da morte da minha avó eu não fazia outra coisa senão pegar na fotografia e falar com ela.

Nem pensava em jogos de computador nem nada.

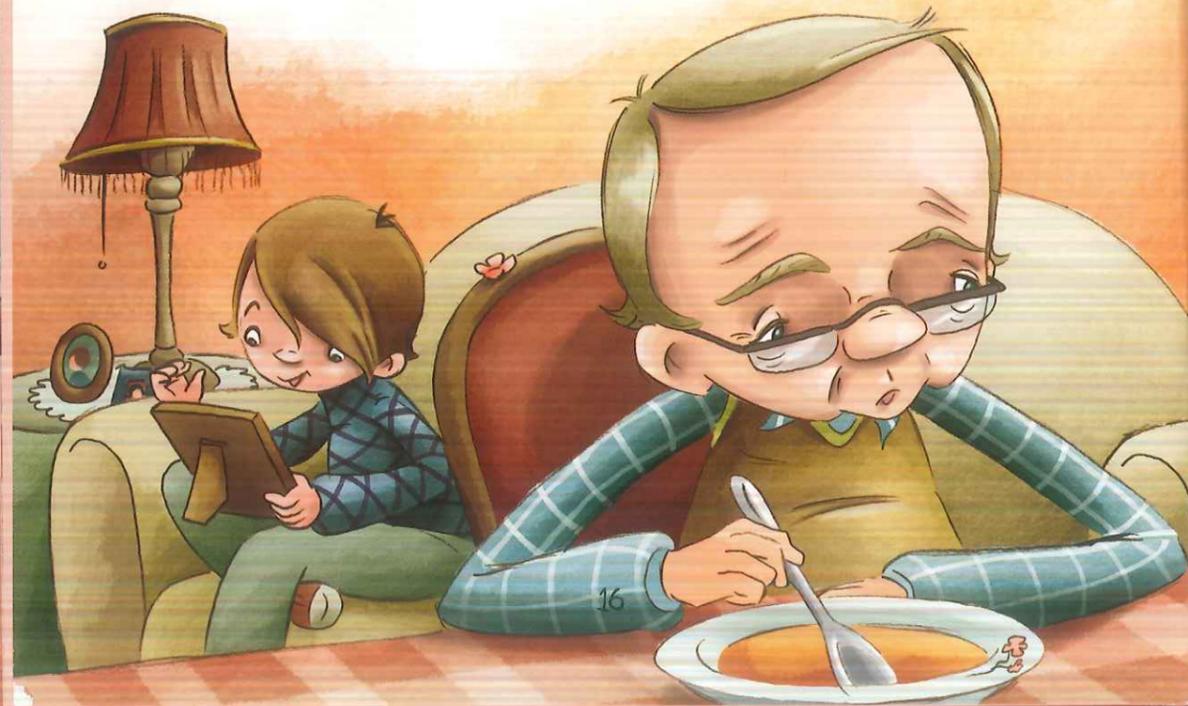
Chegava a casa e sentava-me logo no sofá ao lado da mesinha da sala, onde estava a fotografia e contava-lhe as coisas que me tinham acontecido na escola. Os testes, as parvoíces do meu colega Vasco, os bilhetinhos que andava a trocar com a Liliana do cabelo aos caracóis, os resultados do interturmas de futebol, as roupas estapafúrdias da professora de EV... Às vezes, até parecia que ouvia a voz da avó a responder-me.

O avô é que não ouvia nada. Andava sem jeito nenhum. Triste como um cão abandonado. Às vezes, ao jantar ficava parado, mais que parado, paralisado com a colher da sopa no ar. A minha mãe dizia-lhe assim muito de mansinho:

— Olhe a sopa pai... Vá lá... precisa de se alimentar.

Ele só suspirava e dizia:

— A minha Princesa foi-se embora... Sem ela...



Os meus pais andavam muito preocupados. Um dia até os ouvi a dizer baixinho:

— A continuar desta maneira ele acaba por se apagar de tristeza!

Isso é que eu não podia deixar. Já bastava a doença má da avó Emília! Era preciso fazer alguma coisa para salvar o avô Jaime. Mas eu não sabia o quê!

Quem me ajudou foi o meu amigo Necas que me disse:

— O que o teu avô precisa é de uma distração! — Mas qual distração? Ele não se distrai com nada! — Qual é a tua maior distração? — insistiu o Necas. Pensei em várias coisas e tive de reconhecer que, como toda a gente dizia, eu passava tempo de mais no computador... Computador, net, mail... O Necas abriu as mãos e disse-me como se fosse a coisa mais óbvia do mundo:

— Aí está! Porque é que não ensinas o teu avô a usar o computador?

“Essa é que nunca me tinha passado pela cabeça. Desde quando é que um neto ensina um avô?”, pensei eu. — E, depois, ele já é velhote... será que um velhote é capaz de aprender a usar o computador?

— Experimenta e vais ver? — insistiu o Necas. — Tu aprendeste não aprendeste? — É claro que eu tinha aprendido. Para nós o computador é mais que fácil, mas para uma pessoa mais velha...

— Julgas que o teu avô por ser mais velho é mais burro que tu?

Com este argumento é que o Necas me arrumou. Pensando bem, ele tinha toda a razão. Foi assim que eu comecei a ensinar o meu avô a usar o computador e a net.

A princípio ele não ligou nenhuma. Depois, a pouco e pouco, foi dando mais atenção e só começou a entusiasmar-se quando descobriu que podia ouvir canções antigas no *Youtube*. E quando apanhava uma canção dessas, dizia sempre: “Olha! O Nat King Cole a cantar Quizás, Quizás, Quizás! A tua avó gostava tanto...”

Era cá cada cantiga! E ele ficava tão entusiasmado... Um dia, apanhei-o a dançar sozinho na sala como se levasse uma pessoa nos braços.

— Até parece que estou a dançar com a minha Princesa nos bailes do nosso tempo!

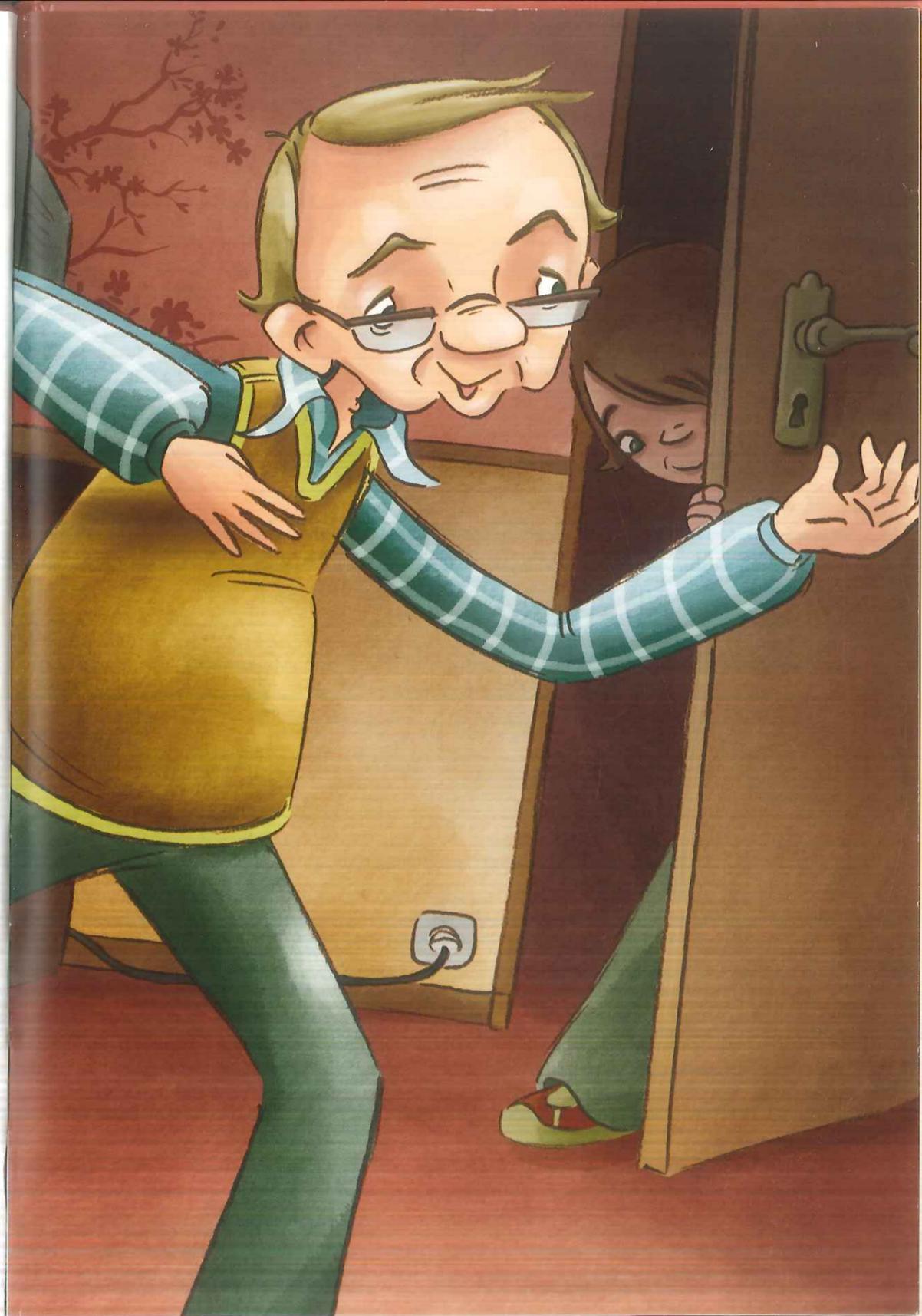
— Avô... o teu tempo não se acabou... — disse-lhe eu e ele ficou a olhar para mim com um ar um bocadinho admirado. — Se calhar tens razão... eu só queria dizer o tempo em que eu era um rapaz novo...

— E agora és um rapaz um bocadinho velho! — disse-lhe eu e ele ficou a olhar muito sério para mim. Até tive receio que se zangasse comigo. Mas não. Logo a seguir desatou a rir às gargalhadas.

— Tens toda a razão. Sou um rapaz velho e tu és o meu professor! Vá! Continua a ensinar-me tudo o que eu posso fazer com o computador!

Foi assim que, depois da descoberta das canções antigas do *Youtube*, o avô Jaime ficou ainda mais entusiasmado quando percebeu que podia ter um endereço eletrónico e enviar mensagens a outras pessoas sem ter de usar envelopes nem pôr selos.

O avô Jaime já parecia outro. Ficou tão entusiasmado com as canções e as mensagens que começou a esquecer-se da tristeza e até passou a comer melhor e tudo.

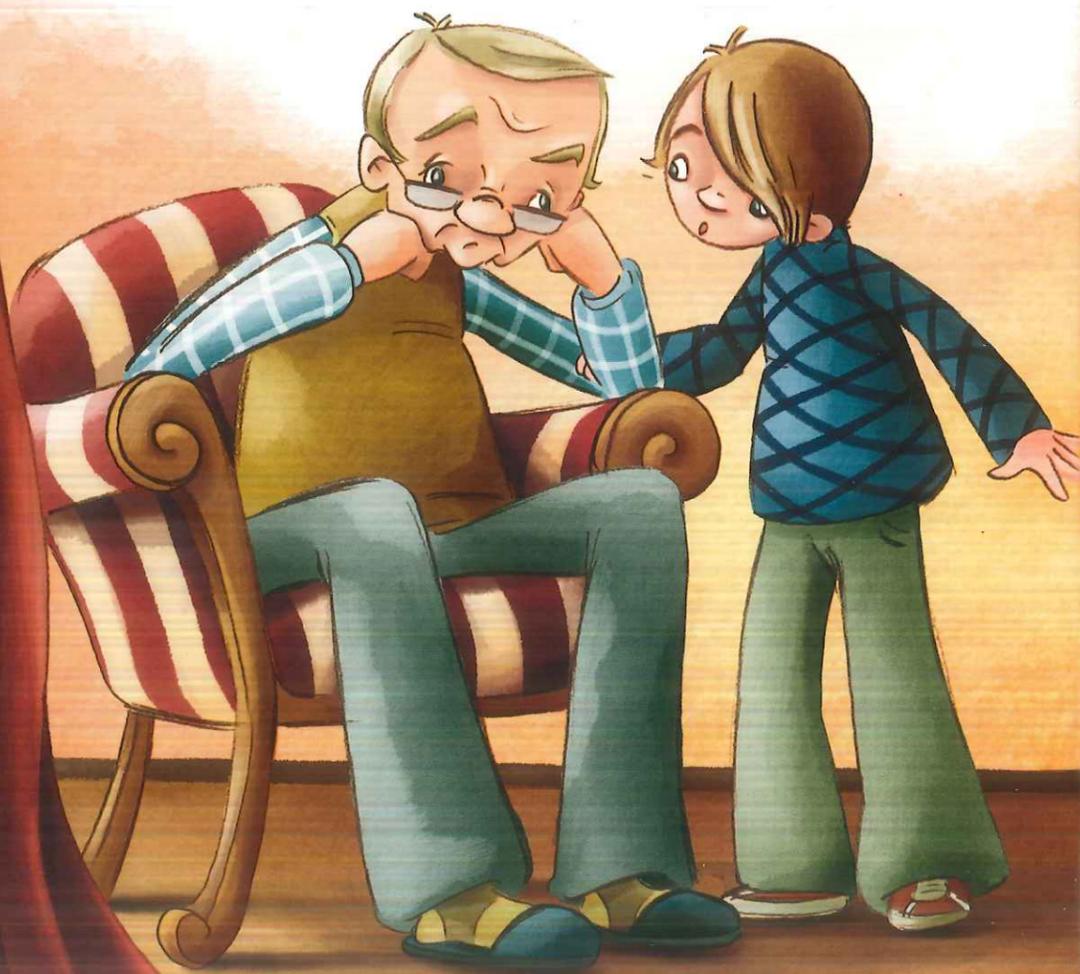


Isto dos e-mails é uma coisa bestial! — A partir daí não fazia outra coisa se não enviar hectogigas de e-mails.

Passados mais uns dias, cheguei a casa e ele estava sentado numa cadeira ao canto da sala com a cara vestida outra vez daquela tristeza que parecia que já o tinha abandonado de vez.

— O que aconteceu, avô?

— Olha, filho. Para mim, os e-mails acabaram-se! Já enviei 679 mensagens e ninguém me respondeu... — Fiquei de boca aberta.



— Mas... para quem é que tu mandaste essas mensagens, avô?

— Para o presidente americano, para a empresa da electricidade, para a empresa dos seguros, para a Federação Portuguesa de Futebol, para o Papa, para todos os telejornais, para 37 restaurantes de *fast food*...

— E para quê tudo isso, avô?

— Para protestar. E para os ajudar.

— Tu queres ajudar essa gente toda?! — Eu estava de boca escancarada.

— Pois claro. Este mundo está muito avariado, muito tringalhadas e eu acho que posso dar uma ajudinha a melhorar as coisas. Basta eles seguirem as minhas instruções e...

— Tu queres que o Papa e o presidente da América sigam as tuas instruções?! —

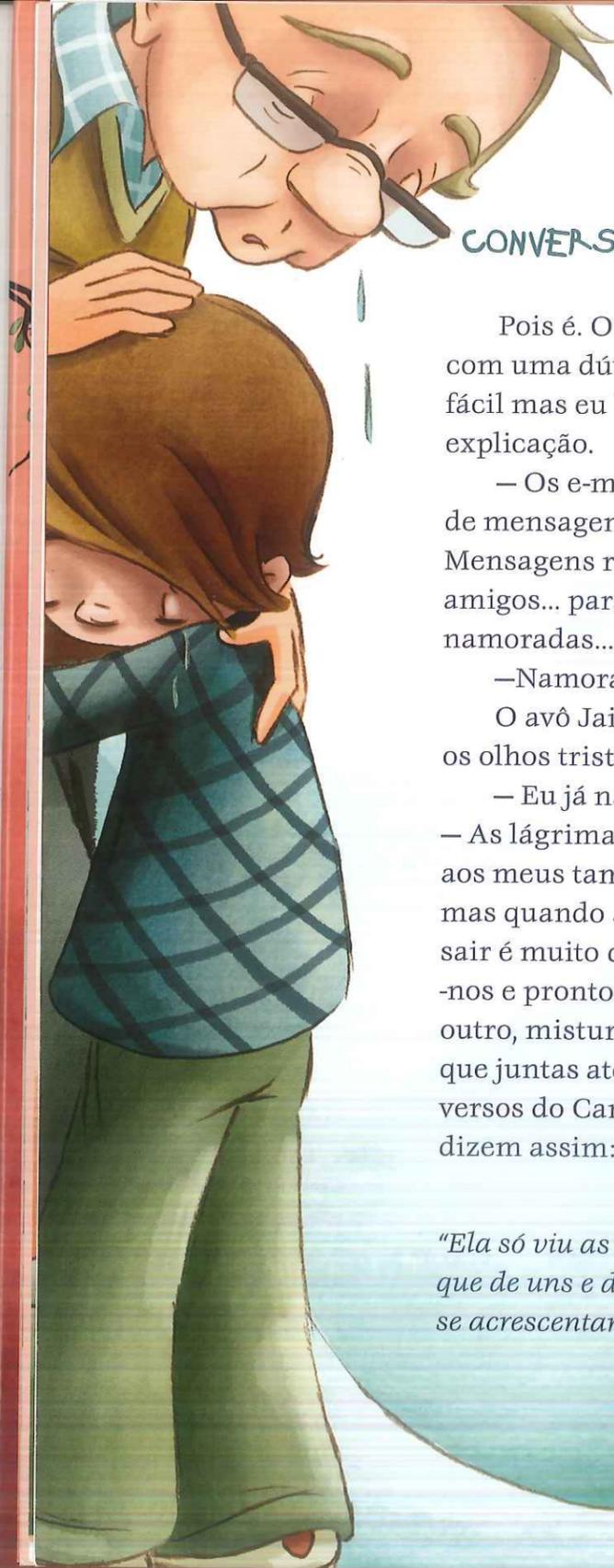
— Claro! Eles e não só! O presidente da Rússia também tem de levar um puchãozinho de orelhas!

Eu nem conseguia fechar a boca de espanto. — E o que é que foste dizer aos restaurantes de *fast food*?

— Aconselhei-os a fechar. Porque a comida que servem é uma porcária.

— Avô... já percebi porque é que ninguém te respondeu... e, se calhar, nunca vão responder. Ou achas que eles querem saber desses teus conselhos para alguma coisa?

— Então para que é que serve enviar os e-mails se quem está do outro lado não responde às pessoas que estão do lado de cá?!



CONVERSA COM UMA FOTOGRAFIA

Pois é. O meu avô Jaime atirou-me com uma dúvida complicada. Não foi nada fácil mas eu lá acabei por arranjar uma explicação.

— Os e-mails servem para outro tipo de mensagens, avô... — disse-lhe eu. — Mensagens rápidas para dar recados aos amigos... para enviar palavras de amor às namoradas...

— Namoradas...?

O avô Jaime encolheu os ombros com os olhos tristes.

— Eu já não tenho a minha namorada...

— As lágrimas vieram-lhe aos olhos. E aos meus também. Procurámos disfarçar mas quando as lágrimas querem mesmo sair é muito difícil aguentá-las. Olhámo-nos e pronto!, caímos nos braços um do outro, misturaram-se as lágrimas dos dois que juntas até parecia um rio como nuns versos do Camões que eu um dia li e que dizem assim:

*“Ela só viu as lágrimas em fio,
que de uns e de outros olhos derivadas,
se acrescentaram em grande e largo rio.”*

Passado aquele momento, limpámos o nariz, eu pus-me a pensar e disse-lhe:

— Avô... há pessoas que arranjam namoradas na net! Senhoras que também estão sozinhas e com quem tu podes conversar e trocar palavras e canções antigas e outras coisas assim...

O avô Jaime ficou a olhar para mim um pouco admirado:

— Não tinha pensado nisso. Quando estamos tristes e sozinhos até parece que pensamos que somos os únicos tristes e sozinhos do mundo...

Eu dei-lhe a mão e disse-lhe:

— Sei que a avó Emília há de ser sempre a tua namorada. Mas, como ela se foi embora, talvez não se importe se tu arranjares outra namorada...

— Claro que se importa! Era o que faltava! A tua avó nessas coisas sempre foi muito severa...

— Tens a certeza?

— Claro que tenho!

— E se fosses perguntar-lhe à fotografia?

A princípio, o avô não percebeu aquilo da fotografia. Tive de lhe explicar tudo muito bem explicado, que eu ia de vez em quando falar com a avó à fotografia e que até parecia que ela me respondia...

Ele olhou para mim todo desconfiado e um bocadinho nervoso. Até tinha medo de acreditar.

— Isso é da tua imaginação, Zezinho...

— Se calhar é, avô... e depois? Que mal é que faz? Eu agarro na fotografia e ponho-me ali a falar com a avó, a contar-lhe as coisas que me acontecem na escola... dou-lhe notícias da mãe e do pai... digo-lhe que tu andas muito triste...

— Ai dizes? — perguntou ele muito baixinho.

— Pois digo.

O avô ficou a olhar para mim como se estivesse a beber as minhas palavras. Eu aproveitei para insistir. — Quando eu fico ali a falar com a fotografia, às duas por três, até parece que ela sai dali e vem fazer-me uma festa na cabeça como fazia dantes...

— Ah!... Tudo coisas da tua imaginação!

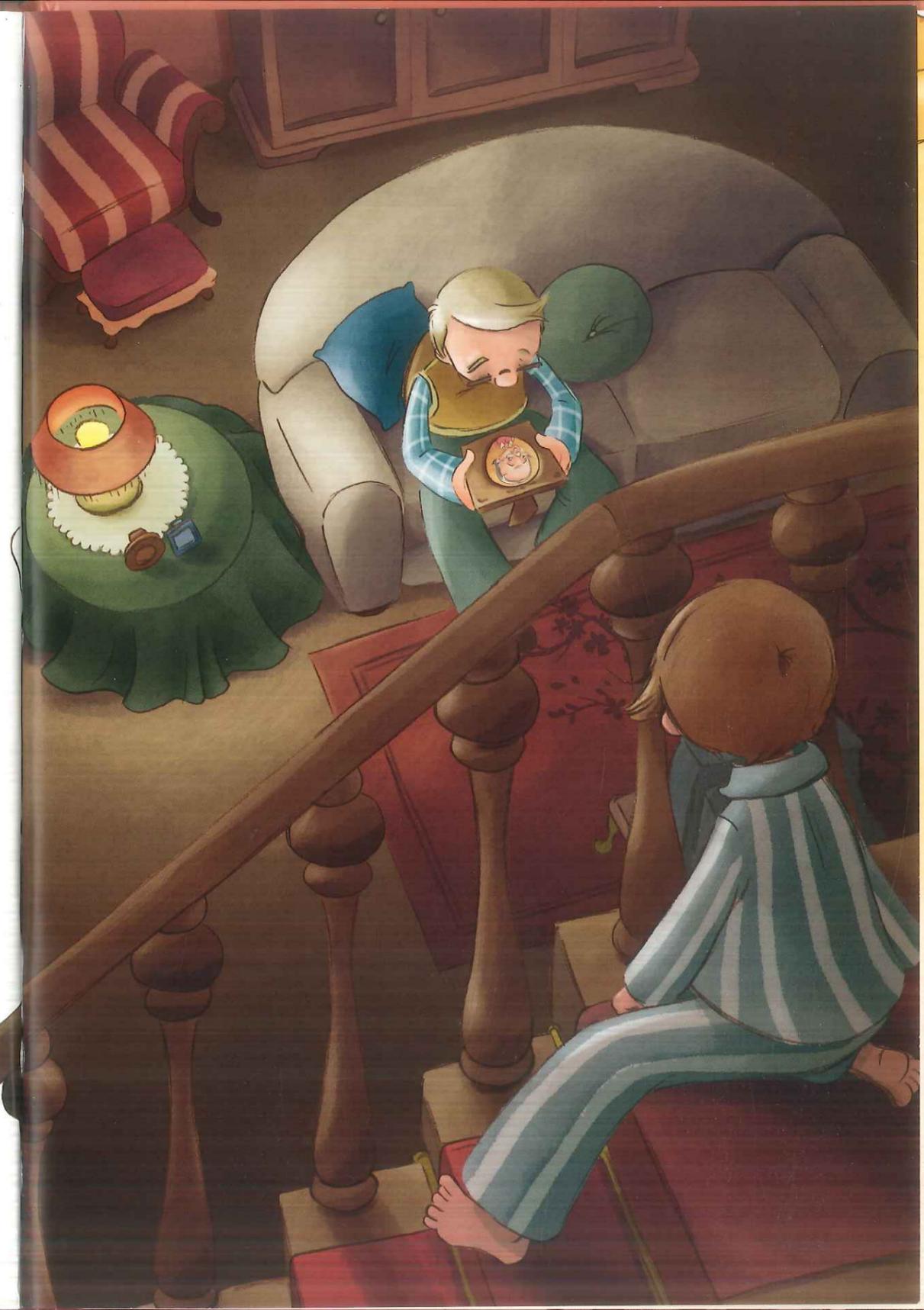
— Queres experimentar?

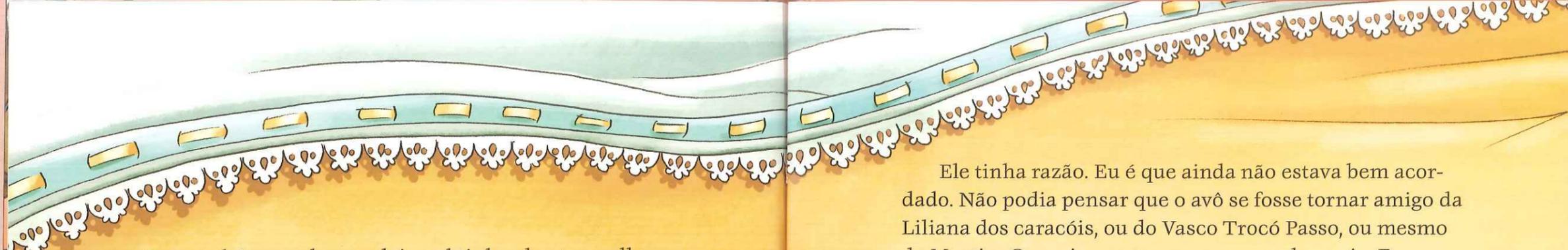
Ele estava mesmo sem saber o que fazer. Baixou os olhos para o chão, voltou a levantá-los para mim, baixou-os outra vez... — Mostra lá como é que tu fazes.

Levei o avô para junto da fotografia na mesinha que está no canto da sala, peguei nela, dei-lha para a mão e disse-lhe que ele só tinha de olhar para lá e falar.

Primeiro ficou calado a olhar de esguelha para a fotografia. Depois pegou nela, olhou-a, voltou a olhar, e começou a falar muito baixinho com a avó Emília. E eu, pé ante pé, fui-me embora e deixei os dois à vontade. Deviam ter muito que dizer. Há muito tempo que não conversavam um com o outro.

Só sei que ele ficou ali horas e horas. Quando à noite fui para a cama ainda ele lá estava. Parecia quase a dormir mas os lábios não paravam de se mexer.





De manhã, quando acordei, mal tinha aberto os olhos, dei com o avô sentado na cama ao pé de mim, com um sorriso do tamanho do sol.

— Tinhas razão, Zezinho!

— Falaste com a avó?

O avô disse que sim com a cabeça. — Fez-me tão bem falar com ela...

— E o que é que a avó disse?

— Acho que ela disse que eu tinha de aproveitar a vida. Não podia ficar sempre triste. Tenho de conversar com as pessoas e passear e...

— E namorar?!

— Namorar, namorar, não sei bem... com a minha idade... bem vê... — Não é natural...

Ai que já lá vinha patetice! — Não é natural porquê, avô?

— Porque sou velho!

— E onde é que está escrito que os velhos não podem namorar?

— Não está escrito, mas... o que eu acho é que posso arranjar novos amigos... e amigas... isso posso... há tanta gente interessante por aí, não há?

— Pois há! Gente super! — disse eu e saltei da cama num ai. — Na minha turma tenho vários amigos e amigas que tu vais adorar conhecer!

— Zezinho... os amigos e amigas que eu gostava de conhecer talvez tenham de ser um pouquinho mais velhos que os teus colegas, não achas?

Ele tinha razão. Eu é que ainda não estava bem acordado. Não podia pensar que o avô se fosse tornar amigo da Liliana dos caracóis, ou do Vasco Trocô Passo, ou mesmo do Martim Cegueja que troca os erres pelos guês. Esses eram e são os meus amigos. O avô tem de arranjar os seus próprios amigos.

— E os professores? Esses já são mais da tua idade. Olha, por exemplo, a minha professora de EV que anda sempre vestida assim mais a dar para o artista. É já um bocado velhota. Tem para aí 28 ou 29 anos. Estava mesmo bem para ti, não achas?

— Meu querido neto... — O avô pôs-me a mão num ombro e olhou muito seriamente para mim. — Achas que eu era capaz de entrar pela tua escola dentro, dirigir-me à tua jovem professora e perguntar-lhe: A senhora quer ser minha amiga?

— Então não é assim que se faz?

— Não. Na tua idade pode ser... mas na minha... já viste o que era eu ir pelo meio da rua, dirigir-me a uma senhora qualquer e perguntar se ela queria ser minha amiga? Ainda me arriscava a que ela chamasse a polícia e dissesse que eu era maluquinho!

“Só se fosse parva”, pensei eu. Quem é que no seu perfeito juízo ia recusar a amizade de um homem como o meu avô Jaime? Só que estava visto que ele era um grande enrascadinho.

Era preciso resolver aquele problema bicudo e foi assim, devidamente autorizado pela fotografia da minha avó, que resolvi inscrever o avô Jaime no *Facebook*.

E talvez tenha sido a pior ideia que eu tive na vida.

SAKURA, A NAMORADA JAPONESA DO MEU AVÔ

Quando o avô Jaime percebeu como é que funcionava o *Facebook*, ficou todo satisfeito. Podia arranjar novos amigos. E encontrar amigos antigos. E partilhar com eles as músicas que tinha descoberto no *Youtube*! E enviar-lhes mensagens! E eles até respondiam e tudo.

Eu é que andava de olho. Para não voltar a acontecer a mesma coisa que tinha sucedido com os e-mails.

— Vai com calma, avô. Desta vez nada de dar conselhos daqueles que andaste a enviar ao presidente da América e ao Papa e...

— Não! Nem pensar! — tranquilizou-me o meu avô. — Já percebi que as pessoas que mandam neste mundo estão lá muito alto e não têm tempo para ouvir os outros. Amigos desses não quero. Quero é dos outros. Com quem possa conversar, trocar fotografias e músicas e coisas assim...

Fiquei mais sossegado, embora o entusiasmo dele fosse tão grande que não largava o computador dia e noite. E, como só há um computador lá em casa, eu quase que não tinha tempo para as minhas consultas e para os meus jogos. Mas não fazia mal. Só queria é que o avô arribasse. E ele pôs-se a arribar que só visto!

Alguns dias depois, chegou ao pé de mim todo entusiasmado e arrastou-me para o ecrã.

— Anda cá ver. Já tenho 429 amigos!

— Parabéns, avô!

— Não sabia que tinha tantos amigos e tantas pessoas que querem ser minhas amigas. Olha que até a Hanna Montana me enviou um pedido de amizade!

“Ai, ai...”, pensei eu cá para comigo. Como é que vou

explicar isto? — Avô... a Hanna Montana não quer ser tua amiga...

— Quer quer! Enviou-me um pedido de amizade e eu respondi logo. Só é pena não falar em português. Diz sempre: Mr Jaime e depois uma data de coisas que eu não percebo...

— Avô... essas pessoas famosas têm uns funcionários que lhes tratam dos e-mails e do *Facebook* e vêm dizer que querem ser tuas amigas para fazerem publicidade dos filmes e dos discos e dos espetáculos deles.

O avô apontou para o ecrã e aí é que me ia saltando o cabelo todo. Aquela fotografia...! Imagine-se que, como identificação, o avô Jaime tinha posto lá no *Facebook* a fotografia de um homem qualquer de vinte e tal anos, cheio de músculos, todo armado em Tarzan!



Tive de me zangar com ele.
– Avô! Isso faz-se?! Puseste aqui uma fotografia que não é tua! Estás a enganar as pessoas! Achas bem?!
O avô baixou os olhos para o chão meio encabulado.
– Ó Zezinho... se eu pusesse a minha fotografia viam logo que era um velhadas...
– E depois? Qual era o problema? – Eu estava mesmo zangado.
– O problema é que depois ninguém me mandava mensagens... Quem é que quer pôr-se à conversa com um velho?
– Não interessa! Se alguém se recusar a conversar contigo é porque é estúpido! O meu avô é uma pessoa super para se conversar e para se ser amigo e tudo! E não interessa para nada se és velho ou não és velho. Olha para mim! Achas que por seres velho eu ia deixar de gostar de ti?
– Mas tu és meu neto...
– Sou teu neto e teu admirador e teu fã e etc., etc., etc.!
– Tu exageras. Vês-me com olhos de neto, mas as outras pessoas...
– As outras também te hão de ver como eu quando falarem contigo e te conhecerem e te ouvirem tocar violino e...
– Eu também posso tocar violino pela net?
Mau! O avô Jaime estava a começar a voar alto. Ele até podia tocar e eu filmava-o e depois enviávamos o filme pelo e-mail ou púnhamos no *Facebook*. Mas naquela altura achei que era melhor não complicar mais as coisas.
– Tu achas tão mal assim que eu ponha uma fotografia que não é minha na página do *Facebook*...?

– Claro que acho mal! Tira já daí essa fotografia e põe uma tua! Olha... uma daquelas quando fomos ao Jardim Zoológico e te puseste a tocar violino para os gorilas!

– Essa? Com os gorilas, achas bem?

– Uma qualquer que tu gostes. Mas que seja tua, mesmo tua!

O avô lá mudou a fotografia. Alguns dias depois, o avô Jaime estava super feliz e entrou-me pelo quarto dentro quando eu estava a estudar para o teste de Geografia, do dia seguinte.

– Agora sim! Agora é que isto vai para a frente!

Devo dizer que estas súbitas alegrias do avô Jaime começavam a deixar-me preocupado.

Atrás de uma alegria vinha, muitas vezes, algum disparate...

– Arranjei uma namorada, Zezinho!



Mau! Quer dizer... bem... quer dizer... ainda bem. Mas atrás da namorada o que é que virá mais?

— Ela é linda e muita delicada e gosta muito de poesia. Envia-me poemas e eu envio-lhe poemas a ela. Chama-se Flor de Cerejeira!

— Nunca conheci ninguém com esse nome, avô...

— Flor de Cerejeira é a tradução para português. O nome em japonês é Sakura.

Eu fiquei a olhar para ele, completamente petrificado em cima do livro de Geografia.

— Ela é japonesa?

Ele acenou-me que sim com a cabeça e com um sorriso de felicidade como há muito não lhe via.

— E vive cá em Portugal?

— Não. Em Tóquio. No Japão! Mas fala português.

O avô Jaime contou-me então que ela era dona de uma casa de chá e que fazia pão-de-ló e escrevia uns poemas chamados *Haiku*.

A última coisa que eu queria era estragar aquela felicidade do meu avô. No entanto, fiquei um bocadinho preocupado. E se o meu avô resolvesse ir viver para o Japão?



O FIM DE UM NAMORO À DISTÂNCIA

O *Haiku* é um poema japonês muito pequenino. Tem 3 versos com 5 sílabas, 7 e outra vez 5. E já havia poetas japoneses a escreverem *Haikus* desde tempos muito antigos.

O meu avô é que ensinou tudo isto. E a ele quem lho ensinou foi a Flor de Cerejeira. Enviava-lhe muitos *Haikus*. E o avô Jaime vinha logo mostrar-mos.

A princípio, eram estranhos aqueles poemas, para mim! Mas a pouco e pouco fui gostando de ouvir aquelas palavras tão belas e calmas.

*Como é bom entregar os olhos
à brancura do leque
da minha amada.*

Este foi dos que o avô Jaime mais gostou.

— É mesmo assim. Quando amamos alguém só queremos ter os olhos postos nessa pessoa.

Em troca, o avô enviava à Sakura umas quadras todas floridas como esta:

*Vai carta feliz voando
Nas asas dum passarinho,
Vai levar ao meu amor
Este abraço e um beijinho.*

Durante algum tempo deixámos de ver o avô. Dormia de dia e ficava acordado de noite. Escrevia e escrevia e parecia que nunca mais parava de escrever. Sabíamos dele porque a casa estava cheia de papelinhos com versos e poemas que ele ia deixando por toda a parte. Eu não me importava muito porque durante o dia tinha voltado finalmente a ter acesso livre ao computador.

A minha mãe estava preocupada porque ele não almoçava nem jantava connosco. Não tinha horas para nada. Eu cá não me preocupava. Queria é que ele andasse feliz. E há muito tempo que ele não estava tão feliz!

Só que esta felicidade durou pouco. Um dia, quando passei pela sala a caminho do pequeno-almoço, dei com o avô Jaime deitado no sofá com uma toalha à volta da cabeça e os olhos vermelhos e muito abertos.

Corri para ele a tremer. Queriam ver que o avô também estava doente e ia acontecer-lhe o mesmo que à avó Emília? Agarrei-me muito a ele.

— Avô! O que aconteceu? Estás doente?

— Doente? Não... quer dizer... estou mesmo doente. Estou muito doente!

Ai, ai, ai, ai, ai! Eu não queria ficar sem o meu avô! Isso é que não. Já bastava...

— Onde é que te dói?!

— Na alma! — respondeu-me ele.

“Vá lá, vá lá”, pensei para comigo. A alma não tosse. Que eu saiba!

— A Sakura, a minha Flor de Cerejeira, deixou-me! Trocou-me por outro namorado!

— Outro do *Facebook*?

— Não. — O avô quase chorava. — Um que vai comer pão-de-ló à casa de chá dela!

Coitado do avô Jaime. Estava mesmo desesperado. Dei-lhe um beijo e nem consegui zangar-me com ele. Estava-se mesmo a ver que aquele namoro não podia continuar muito tempo.

— Há outras namoradas, avô!

— Mas eu gosto é daquela! — E dizendo isto virou a cara para baixo para eu não ver que ele estava com as lágrimas a dançar nos olhos como se fosse um jovem de 16 ou 17 anos a quem a namorada deixou.

— Deixa lá. Se ela te deixou é porque não gostava de ti como tu gostas dela. Vais ver que ainda vais encontrar uma que goste tanto de ti como gostava a avó Emília.

— Achas que sim...?



Eu acenei que sim, mas com pouca convicção. Por isso, acrescentei logo a seguir que como a avó, exatamente como a avó, era difícil.

— E depois, uma namorada à distância não dá jeito nenhum! Tens de arranjar uma pessoa com quem gostes de passear, de ir à praia e conversar e ir ao cinema... Já pensaste na dona Luísa, ali da frente?

O avô torceu o nariz:

— Essa velhadas?

— Ó avô,... a velhadas é mais nova e mais desempenada que tu. E até dá aulas de ginástica na Universidade Sénior!

— Ai é ...? — O avô estava um bocadinho desconfiado.

— Porque é que não falas com ela?

— A dona Luísa...? Achas que ela aceitava ser minha amiga no *Facebook*?

— Qual *Facebook*! Ó avô, não achas que estás a exagerar com o *Facebook*? Estou a ver mas é que tenho de te cortar o computador...!

O avô Jaime olhou para mim muito sério e desatámos os dois a rir ao mesmo tempo porque as coisas estavam mesmo ao contrário. Agora era eu que lhe fazia os reparos que há algum tempo atrás me fazia ele a mim. É o que têm os computadores. São úteis e divertidos. Mas sem o céu e o sol, a praia, o mar, os jardins, as árvores, as namoradas e os amigos com as suas alegrias e tristezas, as suas palavras amargas e doces, os seus poemas, sem tudo isso, não há computador que nos possa ajudar.

